



O Globo – 23/07/03

Para empresas, novo modelo elétrico não trará investimentos ao setor

Ramona Ordoñez

Para analistas e grandes empresas que investiram em eletricidade, principalmente em distribuição, o novo modelo de funcionamento do setor elétrico, apresentado na última segunda-feira pela Ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff, é muito intervencionista e não vai atrair investimentos.

As 15 maiores empresas investidoras no setor energético brasileiro, reunidas na Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica (CBIEE), se mostraram preocupadas.

Setor acha que plano não garante saúde das empresas

Segundo o presidente da CBIEE, Cláudio Salles, a proposta apresentada pela ministra não trata ainda dos principais problemas do setor, como garantir às empresas a rentabilidade (lucro) necessária para que elas cubram seus gastos e tenham recursos para investir.

O modelo do governo, para Cláudio Salles, trata apenas do planejamento da geração e da expansão do sistema, com a construção de novas usinas hidrelétricas.

— O planejamento para expansão da geração não garante investimentos — diz Cláudio Salles.

Para o executivo, o que garantiria novos recursos seriam propostas para que as companhias de eletricidade gerassem caixa suficiente não apenas para custear suas despesas operacionais, mas principalmente para investir.

— O que foi apresentado nos preocupa porque o modelo não trata dos problemas que levaram todas as empresas às atuais dificuldades financeiras. Não há investimentos se o setor como um todo não for economicamente viável — disse o executivo.

Petrobras não vai aumentar investimentos no mercado

A Petrobras também não se entusiasmou pelo novo modelo do setor elétrico. O diretor financeiro da estatal, Sérgio Gabrielli, disse que a companhia não pretende rever seus investimentos em usinas termelétricas (geração de eletricidade a partir de combustíveis fósseis, como óleo e gás natural). A Petrobras já cancelou sua participação em quatro usinas e está avaliando outras duas.



No momento, a estatal participa de forma minoritária em dez projetos. Devido à atual sobra de energia no mercado, a estatal está tendo elevados prejuízos com as termelétricas. Somente este ano, teve que provisionar R\$ 450 milhões para cobrir os custos com esses projetos.

— O programa de termelétricas nos dá muita dor de cabeça — destacou Gabrielli.

Para o especialista em energia Gustavo Gatais, do Banco UBS, o que atrai os investidores são regras claras, duradouras e que sejam cumpridas pelo governo.

— A forte intervenção preocupa os investidores, assim como não saber que preço o governo vai pagar pela energia nova — disse Gatais.

Para o analista André Querne, da Máxima Asset Management, o governo divulgou apenas as diretrizes gerais do modelo, faltando ainda detalhar, por exemplo, como será a participação de geradoras estaduais no pool de venda de energia.